



desCONCERTO
GIN-FÓNICO
DE MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA
Interpretação : Victor Santos

INTERVALO SACANA

Mário-Henrique (dois nomes irmanados por um hífen) era avesso à falta de vértebra na ossatura ética: nos contos, de um Gin tônico vital, usa o Intervalo Sacana, por onde é derramado fel lúdico e são arremessadas ironias assanhadas.

É pelo INTERVALO que o humor SACANA (um conceito diferente do de Sena em "País de Sacanas") perpassa, exactamente como o camelo, sem bossas baptizadas, pelo buraco da agulha. Era, e provavelmente é, a dimensão da nossa liberdade, nestes textos suicidários exercida sem parcimónia e medida. Num país em que a autocensura compromissista é uma instituição mental (qual é o sacana que não pensa que um outro sacana lhe servirá um dia e que melhor é estar calado?) é, apesar de tudo, uma pérola gestual.

Hoje, em que o humor (um falso humor, um "amor do dinheiro", um verdadeiro tumor) mudou de estatuto vestindo a pele do poder dominante - essa indústria do entretenimento que tudo polui com o riso obrigatório - revisitar estes textos poderia ser anacrónico. Mas não foi. Foi o contrário. As metáforas, ou metafodas a categoria é minha - mário-henriquinas, continuam vitais e são certas nesta conjuntura de maquilhagem oficial vanguarado-inovacionista: a génese vulcânica, o desrespeito por fronteiras e regras, mordem mesmo. As alternativas (a vida pois, pois, entre parênteses!) onde andam? Na iconoclastia esclarecida de Mário-Henrique encontramos um gesto vital. O surrealismo é isso: a vida como arte, a biografia como obra. Como em a peste artaudiana, a crueldade sarcástica do autor de GIN SEM TÓNICA, procura uma (des)ordem renascente, e mostra que não há caminho alternativo à destruição da escravatura estéril e acéfala imposta pelo medo, filho do conforto padrão e da "cultura estrelar oficial" que, agora, mediática, se reencena diariamente e todas as máscaras põe. O Diabo já não é o que era: mudou de TEAM, não é Lili!

A Velha Senhora, que o viu crescer, tomou-o de ponta e virou-o matreiro e derruba mitos, mal torceu o pepino. Assim foi: nem Deus, nem Pátria, nem Autoridade, nem Família, nem Burocracia, a sua lei foi outra, tónica e guerreira enquanto os ossos o permitiram.

Faz parte desses poucos que o feito arredo pôs na margem: não foi comendador, mas vadio, di-lo a autobiografia. É radical, nada clown, nada Pacheco. Nem amigos de vintes, nem de quinhentos. (NOTA: DE VOLTA ESTÁ A MISERICÓRDIA DA CULTURA, PARA QUE NÓS, ARTISTAS CAPITAIS DA PROVÍNCIA E OS ARTISTAS PROVINCIAIS DA CAPITAL, ESTES SOB O HOLOFOTE CARIMBADO DO ÊXITO, TENHAMOS UMA CÓDEA E UM ARREMEDO DE FUTURO, NA CASA DO ARTISTA OU MESMO NA TUMBA DO ARTISTA).

Destes textos veio uma energia nova, que reinvestimos contra muros cegos e o preconceito que consubstancia provincianamente a face macrocéfala, MACROACÉFALA. Este Desconcerto é nosso e é contra. Contra a trampa que se reinstalou. Contra esta tristeza de baile mandado que nos quer vassallos.

Com Mário-Henrique digo:

Sabem que mais?

Pois

VOU DA PEIDA.



Mário Cesariny, Mário Henrique Lúria, António Maria Lisboa e Cruzeiro Seixas; nos telhados da rua do Ferriol, em Lisboa 1949.

SURREALISMO E CARBONÁRIA

Ó Mário-Henrique: conhecemo-nos em Lisboa, no Café Chiado, em 1951. Tinha eu uns 20 anos e tu eras mais crescidinho, tenas uns 28.

Lembras-te? Se não te lembras, lembro-me eu, tu sempre agitadinho e a provocar tudo e todos, militância surrealista, as coisas arrancadas do seu lugar habitual, humor negro, a tua rebeldia a oscilar entre as artes plásticas, a prosa e a poesia.

No interior de uma das casas de banho do Café há, na porta, um poema escrito com tinta ácida, impossível de apagar:

Aqui

caçou

Pio XI,

Rei das Ciganas,

Negas ser o autor mas desmanchas-te a rir e mais me convences que o poema é teu.

O que tu adoras é choques em cadeia, dentro ou fora das casas de banho... Também te dá muito gozo atropelar os adeptos do "neo-realismo" (nome que, por causa da PIDE e da Censura, em Portugal se dá ao "realismo socialista" apregoado pelo camarada Zdanov). Aproximas-te da mesa do Manuel Ribeiro Pavia e começas a espicaçá-lo por causa das ceifeiras rechonchudas que não pára de esboçar, desenhar e colorir. O Pavia não te suporta, é trombudo por natureza, leva tudo a sério. Guarda os desenhos, fecha a pasta, levanta-se, vira costas, vai-se embora. Não desistes e começas logo a mordiscar o José Dias Coelho, aquele escultor, teu antigo condiscipulo na Escola de Belas Artes, aquele apóstolo comunista que a PIDE irá matar a tiro numa rua do bairro de Alcântara. Mas não consegues verár as suas naturais defesas, ele desmancha-se a rir com as tuas investidas e acaba por te dar um grande abraço. Saudade tens, saudade temos da fraterna inteireza do Zé Dias...

Andas sempre à porrada. Não só com os neo-realistas mas também com os surrealistas, os outros do teu grupo. Não vos entendo, é a briga do Césariny com o António Pedro, e depois tu para um lado e o Alexandre O'Neill para outro enquanto na primeira sala do Café, sentado a uma mesa, o poeta António Maria Lisboa vai morrendo aos poucos, tuberculose. Apesar de vocês terem feito obras colectivas, como as colagens da Afixação

Proibida, os vossos burrinhos estão sempre a puxar cada qual para o seu lado. Porrada, é só porrada... Até que um dia me dizes e passo a entender-te melhor:

- O meu avô é que era um gajo porreiro e muito giro. Pertencia à Carbonária. De segunda a sexta-feira trabalhava mas nos fins de semana fazia a Revolução. Ainda tenho lá em casa o bacamarte que ele usava contra a Monarquia...

Quero ver esse tal de bacamarte e tu convidas-me a ir a tua casa, uma vivenda em Carcavelos, a dois passos de Lisboa, à beira-mar, logo depois da foz do Tejo.

- Mas num domingo à noite, está a ouvir?

- Porquê domingo à noite?

- Tu vais ver...

E vejo. A vivenda onde moras, que foi dos teus pais, que é da tua mãe, fica próximo da estação dos Caminhos de Ferro, mesmo ao lado do cinema. À meia-noite subimos à torrinha e quando os espectadores começam a sair do cinema para a rua, tu empunhas o bacamarte do teu avô e começas aos tiros. Para o ar, mas aos tiros. A malta desata toda a fugir e tu a rir. E eu também, obviamente...

Só agora é que estou realmente a perceber-te; nas horas mais insólitas o teu gene da Carbonária resolve pôr os corninhos ao sol. Até de noite...

"OPERAÇÃO PAPAGAIO"

Em Janeiro de 1954, antes que a PIDE me deite a luva, consigo dar o salto para o Brasil. Nas vésperas ainda tento dar-te um abraço de despedida. Não consigo, estás a viajar pela Europa, irás também ao norte de África, prémio que te concedeste depois de teres trabalhado quer na Marinha Mercante, quer como caixeiro viajante, operário metalúrgico, sergente de pedreiro, e não sei que mais...

Já no Brasil saberei que em 1958 arregaçaste as mangas durante a campanha do Humberto Delgado à Presidência da República. E que em 1961 também estavas disposto a arregaçá-las quando da falhada revolta de Beja. Saberei ainda que te apaixonastes pela Dietlinde Hartel, a Fipsy, uma alemã, linda mulher. Com ela casaste, em Lisboa, em 1959.

Contar-me-ão também o que a maioria dos frequentadores do Café A Brasileira em 1961 já sabe, regabofe colectivo: tu, e um grupo de malucos, entre os quais Virgílio Martinho e o poeta António José Forte, estão a programar, de mesa para mesa e em voz alta, a revolucionária "Operação Papagaio". Numa das próximas noites vocês propõem-se bater à porta do Rádio Clube Português, que fica na Paredão, povoação mesmo ao lado de Carcavelos. Lá dentro há apenas um contínuo enquanto roda a bobine com o programa nocturno "Companheiros da Alegria". A porta é aberta. Vocês apontam um revólver, imobilizam, amarram e metem o contínuo num cacifo que depois fecham por fora, a cadeado. Entram no estúdio e troçam a bobine por uma outra que trazem convosco. Esta contém marchas militares, também o Hino Nacional tocado frequentemente e, a cada cinco minutos, notícias sobre movimentações militares para derrubar o Governo. Termina convidando a população a deslocar-se à Baixa de Lisboa para saudar os militares vitoriosos.

Enquanto gira a nova bobine vocês retiram-se do Rádio Clube Português. Ficarão, pelas esquinas, a aguardar a reacção dos ouvintes que, esperam, seja de entusiasmo...

Quem não aguarda é a PIDE, que vos prende mas fora d'A Brasileira, para não dar nas vistas. Durante o interrogatório os agentes, volta e meia, correm para o corredor a desrolhar as gargalhadas. Vocês ficam detidos uns quatro ou cinco dias, talvez uma semana. Depois levam uns safanões e são postos na rua. O espaço já é curto para arrecadar tantos subversivos, quanto mais uns brincalhões inofensivos...

BRASIL

Ainda em 1961 a Fipsy fica de lotação esgotada com os teus desatinos e passa-te as palhetas, regressa à Alemanha. Depois, atrás de uma nova paixão, tira-se para o Brasil. Inconformado, vais à tua procura. O curioso é que nas voltas e contravoltas legais do divórcio pedido pela alemãzinha, acabarás por te apaixonar por Isabel Alves da Silva, a advogada portuguesa da tua mulher, ou ex-mulher... A Isabel não resiste ao romance. Mas tu aqui e ela acolá, às vezes o Atlântico pelo meio, acaba a Isabel por se casar com um irlandês. O que não impede que vocês, durante uns 14 anos, troquem cartas de amor, muitas. Dirás tu: "O amor assim é mais barato..."

Em Abril de 1962 estou eu em São Paulo, sentado numa esplanada junto à Biblioteca Municipal, a bebericar uma cerveja. Levanto os olhos e vejo-te e passar, muito apressadinho.

-Mário, ó Mário-Henrique, ó grande sacana!

O grande abraço. Contas-me das tuas traduções de ficção científica para a colecção Argonauta. Sempre a conversar e a recordar os tempos idos, cruzamos a Itapetininga e descemos a Avenida de São João até ao Vale do Anhangabaú. Levo-te para minha casa. Apresento-te a minha mulher. Ela improvisa um jantar para o inesperado convidado. Acabas por felicitá-la pelo excelente caldo Knorr que, num instante, preparara. Gargalhadas e assim rompe amizade bem-humorada...

Eu e a minha mulher temos três filhos com 7, 5 e 3 anos. Transformas os teus joelhos em cavalinhos e, enquanto os miúdos cavalgam, os teus dedos não se cansam de encherá-los com cócegas desde o pescoço até aos pés...

GIN-TONIC

Dois anos depois desapareces, perco a tua pista. Porém, por portas e travessas, saberei que localizaste a Fipsy em Recife. Mas não te aproximas, não a perturbas, ficas apenas a mirá-la, de longe, de muito longe...

Por essa época os problemas ósseos começam a atormentar-te: "Fiquei com um joelho (o direito) e um pé (o esquerdo) totalmente desarranjados, coisa que de vez em quando não me permite dar um passo e me chateia incrivelmente com dores", assim te queixas, em carta de Dezembro de 64, à advogada Isabel, tua paixão fora de esquadria.

Em 74 dir-me-ás que andaste pelo Brasil a preparar stands para exposições, a encenar peças, a dirigir uma editora. Acredito que tudo isso tenha realmente acontecido. Mas quando depois me dizes que também andaste na luta armada contra a ditadura militar brasileira e contra outras ditaduras sul-americanas, tremo todo... Acho que voltaste às colagens surrealistas, "o que gostarias de ter feito" pespegado a cuspo sobre "aquilo que realmente fizeste". Al Papagaio Papagaio, al Carbonária...

Sei que voltaste a Portugal em 1970. Reencontramo-nos em Lisboa em 74, depois do 25 de Abril. Tu empenado porque, só para te chatear, a tua estrutura óssea começa a desabar...

Eu bem sabia que em 73 lançasas os Contos do Gin-Tonic e nos princípios de 74 os Novos Contos do Gin. Mas só depois da Revolução dos Cravos é que a tua prosa pega como fogo em palheiro, sucessivas edições de um e outro livro. Como é possível a surrealidade converter-se de repente em best seller? Tenho um exemplo à mão que talvez explique o fenómeno: durante a maré-cheia de Abril os meus três filhos navegam da adolescência para a juventude. E é a ti, ó Mário-Henrique, é justamente a ti que eles escolhem para figura emblemática do vendaval. Os teus contos e os novos contos do Gin-Tonic, por causa da irreverência e rebeldia, são para eles apetitosas cartas de marrear. Está explicado? Faça-me entender?

Já tinhas dado à sola desta vida quando o actor Mário Viegas, no teatro e na tv, começou a interpretar os teus Contos do Gin-Tonic. Nós de olhos fixos ora no palco, ora na tela, pontaria, garra e graça, ver e ouvir, ao mesmo tempo fruir dois Mários, o Leiria a escrever, o Viegas a dizer. Pena que não tivesses assistido aos espectáculos, bem sentimos a tua falta. Em 96 o Mário Viegas passou-se para o Além, também ele. Acho que foi à tua procura.

Agora, para recordar os velhos tempos, vou beber de enfiada, (três) dos teus copos de Gin-Tonic. Al vou eu, al ven tu.

TORAH

Jeová achou que era altura de pôr as coisas no seu devido lugar. Lá de cima acenou a Moisés.

Moisés foi logo, tropeçando por vezes nas lajes e evitando o mais possível a sarça ardente.

Quando chegou ao cimo, tiveram os dois uma conferência, cimeira, claro. A primeira, se não estou em erro.

No dia seguinte Moisés desceu. Trazia umas tábuas debaixo do braço. Eram a Lei.

Olhou em volta, viu o seu povo aglomerado, atento, e disse para todos os que estavam à espera:

- Está aqui tudo escrito. Tudo. É assim mesmo e não há qualquer dúvida. Quem não quiser, que se vá embora. Já.

Alguns foram.

Então começou o serviço militar obrigatório e fez-se o primeiro discurso patriótico.

Depois disso, é o que se vê.

ÚLTIMA TENTAÇÃO

Então ela quis tentá-lo definitivamente. Olhou bem em volta, com extrema atenção. Mas só conseguiu encontrar uma péra pequenina e pálida.

Ficaram os dois numa desesperante frustração.

Não há dúvida que o Paraíso está a tornar-se cada vez mais chato!

CONTABILIDADE FINAL

Parece mentira, mas ainda não recebi os rublos moscovitas. E esta, eim! Só tenho coisas que me ralem.

O COISO

Com Rui Lemus, Carlos Barradas, Couto e Santos e uns tantos outros, congeminas e a 7 de Março de 1975 és o chefe de redacção de O COISO, novo suplemento semanal do diário A REPÚBLICA. Provocação e humor negro a acelerar nas curvas, entrevistas apócrifas com Spínola, Kissinger, Hitler, Pinochet, Salazar, Marcelo Caetano, etc. e fotomontagens a ilustrá-las; por exemplo, Kissinger a dançar empunhando uma foice e um martelo; ou o Spínola convertido em musculoso "cabo de mar" na praia de Copacabana... Mas a irreverência incomoda muitos dos jornalistas teus colegas. Nem sequer os comunistas a aparam lá muito bem, porque estás sempre a gozar com tudo e com todos, até com os chapéus, os gorros, os bonés, os barretes e as carapuças do camarada Brejnev... Na Redacção, por entre gargalhadas, quem frontalmente te apoia é o Fernando Assis Pacheco, também o Álvaro Belo Marques e poucos mais. Um dia preparas-te para publicar na primeira página de O COISO uma violenta caricatura não só à boina, mas também à cabeça do Raul Rego, o director d'A REPÚBLICA. Caricatura congelada pela direcção do jornal e eis a gota que faz transbordar a hostilidade entre o radicalismo m-l dos operários gráficos e o socialismo bem comportado da administração e da maioria dos redactores. Extremam-se posições. Na rua, frente ao jornal, enfrentam-se piquetes ora aplaudidos, ora vaiados pelo público que, de hora a hora, vai mudando conforme as mobilizações partidárias. A REPÚBLICA acaba por ser suspensa, fechada mesmo em 19 de Maio de 1975. Também O COISO, está-se a ver. Do suplemento lançaste 11 números. O último foi em 16 de Maio de 1975.

A fome começa a rondar-te porque os direitos autorais dos teus Contos e Novos Contos do Gih chegam sempre tarde e a más horas ao teu bolso.

VODKA & CIA. LDA.

Apesar de cada vez mais empenado, ainda vais escrevendo e publicando: *Imagem Devolvida*, *Conto de Natal para Crianças*, *Casos de Direito Galáctico* (de tradutor passas a autor de ficção científica) seguido de *O Mundo Inquietante de Josela* (fragmentos), *Lisboa ao voo do pássaro*.

Para te ajudar a ultrapassar as dificuldades financeiras, uma jornalista reúne uns tantos amigos para, em conjunto, te comprarem mantimentos. Quando eles batem à tua porta, atiras as provisões pela escada abaixo e tratas de insultá-los. Não aceitas esmolas, de ninguém!

Sim, aquela escada da mesma e velha vivenda em Carcavelos. Ali moras agora com a tua mãe e uma tia, duas velhotas que já rondam os 90 anos. Também com o Vodka, um cão-linguiça todo preto e encorpado, em cujo pescoço de vez em quando armas um laçarote encarnado, pois os canitos também têm direito à Revolução.

Porém o Vodka não está muito interessado em revoluções, prefere abocanhar e fugir com as tuas peúgas. Corres, ou tentas correr atrás dele. Levantas a bengala, erras o alvo e acertas a porrada mas é nos costados da tua tia. Lá vai a velha de charola para o hospital de Cascais. Por cima do cancro que a devora, tem agora uma costela partida... Um sarilho!

DERRADEIRO FAX

A 25 de Novembro de 1975 o General Eanes e o Grupo dos Nove dão um golpe militar para travar Abril montado no esquerdismo galopante. Ficas muito preocupado, temas o regresso ao tempo da Outra Senhora, ao fascismo. Tratas logo de aderir ao PRP - Partido Revolucionário do Proletariado - da Isabel do Carmo e do Carlos Antunes, que insistem na acção armada para defender a Revolução.

- Ó Mário-Henrique: mas se nem uma bengala tu consegues segurar como deve de ser, quanto mais uma espingarda ou metralhadora...

Que te importa! O que é preciso é agitar a ideia da acção armada, aí Carbonária, Carbonária...

Muitas vezes vou bater à tua porta a convidar-te a dar uma volta de carro. Aceitas sempre. De Carcavelos vamos à praia do Guincho e depois subimos à Serra de Sintra. Gostas muito de ir até ao Cabo da Roca. Será por causa da paisagem agreste, ou por ser ali a ponta mais ocidental da Europa? Sabe-se lá o que se passa pelos teus miolos...

Em Janeiro de 1980 és internado no hospital de Cascais. Um lampejo, a Pipsy, a Isabel e, sem dares cavaco aos amigos, passas-te. És um chato!

Bem, acho que já acabei a evocação da tua vida e da tua obra, vou botar aqui um ponto final. Espera, espera aí um instante que está a chegar um fax. Não me surpreende: é o São Pedro a lamentar-se que não desistes de converter o Império do Céu em República Popular do Purgatório.

“Cadáver-Esquisito” ao gato resplendente andando pela noite

Fazer a história do Surrealismo e ajudá-lo à distância não será tarefa fácil e talvez mesmo pouco necessária. (...)

Quanto a Portugal ... é Mário Cesariny, o principal interveniente do movimento, que afirma na obra *“A Intervenção Surrealista”*: “Curioso é saber-se que não se fará a história do movimento Surrealista em Portugal. Posto entre dois impossíveis, o do início e o do fim [...] É que não há assim tanto a historiar, corrijo: o que há a historiar não pode com tanto ou cabe mal, se o cabe, num movimento cuja estrutura se ergue, precisamente, contra a História e nessa mesma sorte contra si próprio [pensa-se]”.

Ora, o Movimento, definido e explicado por André Breton em 1924 no Primeiro Manifesto Surrealista, aparece inicialmente em Portugal na noite escura e por cá caminhou ao princípio, aos tropeções, até que já no limiar dos anos 50 emprestou a sua renovada “artilharia tédrica”, a da “ruptura inaugural”, a um grupo de jovens que já eram inconscientemente paradaelistas (para usar a expressão de O’Neill), desde o dealbar dos anos 40 e que colheram daí o mais heterodoxo e radical, narrado pelo “caso” e pela obra de Artaud.

Como explicar a dissincronia do Movimento Surrealista em Portugal? Cesariny culpava disso a bafienta situação política e cultural do País. Embora parecendo-nos uma pesada razão é no entanto insuficiente, pois se o Surrealismo demorou na sua actuação entre nós, isso deve-se também à ausência de personalidades interessadas nas suas propostas.

(...) A tradução do Manifesto de Breton, em Portugal seria publicada só nos anos 60.

A revista *Presença*, fundada em 1927 e sempre tão atenta aos movimentos e figuras literárias estrangeiras, sobretudo francesas, numa atitude bem diferente (e significativa) da geração de 27 espanhola, no dizer de Jorge de Sena, ignorará o Surrealismo. (...)

Contudo, desde meados dos anos 30 circulava entre nós informação suficiente sobre o Surrealismo que já se espalhara internacionalmente. (...) Em 40, António Pedro e Dacosta fazem uma exposição explorando as propostas oníricas do Surrealismo. Em 42, Sena edita *Perseguição com epígrafes*, entre outros, de André Breton e René Char. Finalmente, só em 1947, surge o chamado Grupo Surrealista de Lisboa (...).

Apesar dos contactos pessoais havidos com Breton e com outros surrealistas, nomeadamente ingleses, este grupo não vai muito além do uso do nome e de um imaginário mais pictórico que literário (com excepção de O’Neill), formalmente surrealista (...)

Em Janeiro de 1949, o grupo faz a sua última exposição ...

Desfeito o grupo, os seus elementos publicarão ainda de 49 e 50 quatro números de *Os Cadernos Surrealistas*, darão entrevistas e farão conferências até à emergência plena do novo grupo *Os Surrealistas*.



Os Surrealistas: Henrique Riquês Pereira, Mário Henrique Laria, António Maria Lisboa, Pedro Gorn (sentado), Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, Carlos Euzébio da Costa e Fernando Alves dos Santos, na primeira exposição, Junho, 1949

O Grupo Surrealista de Lisboa

pergunta

Depois de 22 anos de

Medo

Ainda seremos capazes de
um acto de

Liberdade?

**É ABSOLUTAMENTE
INDISPENSÁVEL
VOTAR CONTRA O**

fascismo



António Maria Lopes segurando Mário Henrique Leiria, sobre os telhados de Lisboa, em 1949

Capa do catálogo da primeira exposição do Grupo Surrealista de Lisboa, Janeiro de 1948

posicionistas retiraram

os espanhóis foram escadornados pelas dinhas, que lhes ofereceram. Em nome do Braga de Almeida, da Prado e Castro, Santiago de Compostela foram colocadas e que os estudantes haviam recebido em Coimbra, para estes dispensaram.

SANTA — A comissão reunem-se representantes das de constituírem as ar a efeito as Feiticeiras próximo.

ativista da direcção e ali na próxima conferências comemorativas. As conferências serão conegado Almeida Lou Nogueira e José Urbano Duarte alunos do 3.º ano m baile de gala no Municipal.

— O primeiro pre-

comprimentos. As autoridades civis e militares.

“O SURREALISMO EM 1950”

Na Casa da Cultura de Argenteiras realizou ontem, à noite, a sua enunciação conferência, o poeta surrealista António Maria Lisboa. Teve por tema «Erro português, versando os problemas do surrealismo. O orador expôs a posição do poeta em relação à sociedade moderna e afirmou que a posição do poeta deve estar alheia a quaisquer compromissos de ordem partidária. Em seguida, o sr. Cesariny de Vasconcelos leu e recitou versos dos poetas surrealistas Carlos Eurico da Costa, Mário Henrique Leiria, Pedro Oom, Riquês Pereira e Fernando Alves dos Santos. Tanto o enunciação como o recitador foram muito aplaudidos.

Taça de Honra, em hóquei em patins

No Pavilhão dos Desportos disputaram-se ontem, à noite, os desfilas correspon-

facilitar a sua dist exame realiza-se n mês.

As reuniões

Realizou-se ontem, no Bayeto, no 6 Avenida Palace, a -almirante Magal, cerca de 30 colóni preações sobre vai ciela e economicos, que se relac em especial de si uma maior intim Portugal metropo

Usaram da pal assunios da vida, nel Lopes Mateu comandante Vasco Pinto, Mauricio e Cabrila, Manuel Duarte Belo, Mim.

HOSPITAIS

Arisqueemos aqui uma reparadora observação. O Surrealismo caminha inicialmente por Portugal, queremos dizer por Lisboa, de forma vaga e equívoca. Ilustrando o caso com uma imagem grata à este movimento, parece-nos um consideravelmente grande "cadáver-esquisito" realizado por diversos intervenientes (praticado por Moniz Pereira, Vespeira, António Pedro, Fernando Azevedo e António Domingues, em 1948), mas que só encontrará expressão real e autónoma, profundidade e altura, com a formação do grupo Os Surrealistas continuando depois, através dos pés, com os chamados "abjeccionistas" do Café Gelo.

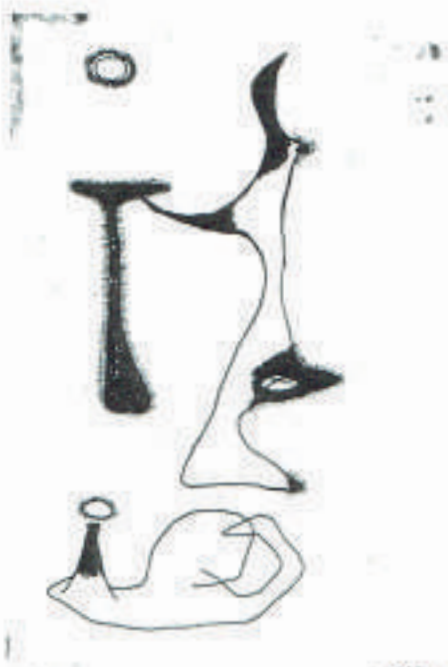
Esclareçam-se, pois, as duas linhas muito distintas, e afastando-se até ao infinito no ano de 50, em que correu o Surrealismo entre nós: uma mais informativa, e superficial na compreensão da proposta ética sugerida pelo Grupo de Paris, optando predominantemente pela expressão plástica. Outra, a que emerge com algum estrondo, de uma necessidade revolucionária de mudança, inicialmente, ignorando mesmo o que de Surrealismo-Catecismo existiria, o qual, tendo-lhe apresentado em estado de considerável desenvoltura e autocrítica, dele recolheu, mais do que a forma, uma praxis poética globalizante e radical.

Assim, o movimento que inicialmente não encontrava o nome pelo qual pudesse ser chamado (Supra-realismo, Super-realismo, Sobre-realismo, etc.) adquire substância, autonomia e condutores em 1949 com novo grupo, Os Surrealistas.

(...) Os Surrealistas empenham-se em sessões públicas sendo as mais notórias (e agitadas) as do JUBA (Jardim Universitário das Belas-Artes) (...). Sucedem-se as irreverentes sessões dos poemas colectivos e das exposições dos "Cadáveres-Esquisitos". Os Surrealistas escrevem manifestos radicais e proclamatórios com destaque para "A Afiação Proibida".

"Será este agrupamento terrivelmente cioso da minúscula liberdade privada que era a nossa face a um meio não menos terrivelmente hostil, que o Surrealismo português atinge a sua maioridade ao nível do choque das ideias e da busca de uma nova linguagem. (...)

A esta "Convulsão de movimento interior e exterior à geração pronta a decapitar qualquer chefe" (António Maria Lisboa) responderá o cerco da incansável "bicicleta" neo-realista (...). Iguais ataques virão de significativos sectores do clero intelectual (...), devendo referir-se o crescente actual abuso do termo "surrealista" trazido à banalidade por políticos, jornalistas e militares para classificar tudo o que não entendem ou aquilo que não concordam e "passaram a usar como adjectivo pejorativo o que no vocabulário Surrealismo é substantivo" (Cesariny).



Retrato de Mário Cesariny por Mário Henrique Leiria, 1949

Retrato de Mário Cesariny por Mário Henrique Leiria, 1949

Formado em 1948, o Anti-grupo Surrealista levará o Surrealismo para a rua com o ciclo de intervenções que cognominamos "O Surrealismo e o seu público em 1949". Participam Cesarihy, António Maria Lisboa, Pedro Oom, Cruzeiro Seixas, Carlos Eurico da Costa, Mário-Henrique Leira, Fernando Alves dos Santos, Risques Pereira. As conferências que entretanto iniciam tornam-se agitados happenings. Há ameaças de intervenção policial. A confusão generalizada leva ao encerramento das sessões. (...)

Até ao ano de 1952, Os Surrealistas empenham-se profundamente no projecto que os unia, gerando uma situação produtiva, electrizante e estilhaçante. Exploram processos criativos, pictóricos e poéticos em grupo, publicam os manifestos mais acutilantes arriscando com rara lucidez propostas radicais de vida. (...)

É o período da grande euforia e intervenção em que se reivindica a liberdade plena (autoridade e liberdade são uma e a mesma coisa) contraposta ao "fragmento da liberdade" fornecida pelo reformismo político de uma pseudodemocracia. Esta proposta de revolução ética terá uma inevitável repercussão na linguagem e no seu relacionamento com a estética literária. (...)

Assim, os Surrealistas alimentam um processo permanente de desestruturação da linguagem, da frase feita, imprimindo a desarrumação do discurso poético vigente; recorrem às mais delirantes imagens, às metáforas insólitas e violentas, à desmultiplicação de sentidos gerados por frases de inesperado automatismo, reconstituindo a partir de novas premissas e raízes inovadoras, fulgurações poéticas quase sempre a implicar a revolução do corpo e do espírito figurando um novo posicionamento do indivíduo numa poética global de avassalamento dos lugares habitados da sociedade.

(...)

Entretanto, a partir de 1952, (...), abrandam as actividades dos Surrealistas. As irreverências provocatórias e as atmosferas oníricas, (...), esvaem-se à medida que o Grupo se vai desintegrando. Cruzeiro Seixas parte para África levando os seus "poemas pintados" ou sorritos desenhados. Mário Henrique Leira, que com Pedro Oom escrevera dos mais ácidos e subversivos textos poéticos, vai para o Brasil. António Maria Lisboa morrerá com 25 anos de doença e lucidez...

De 56 a 59 alarga-se-lhe a torrente às novas gerações do Café Royal e do Café do Gelo agora apelidados, (...), de Abjeccionistas. (...) Na editora Guimarães, a *Antologia do Cadáver Esquisito de Cesarihy*. Em 1963, a *Antologia Surreal Abjeccionista* e em 1966, com um indistigável carácter de actuate inventário, *Cesarihy reúne os principais textos teóricos e polémicos dos Surrealistas no livro A intervenção Surrealista* (ed. Ulissea).

Quanto às ideias novas propostas pelos Surrealistas ligando a vida e a poesia, andarão por aí, sem dono, prolongadas e reutilizadas por outros. (...)

Acusa-se o Surrealismo em português de ser um fenómeno cultural fugaz, desfasado do tempo e do modelo francês, porque tardio, e "de trazer por casa"

Ora uma das maiores virtudes do movimento português foi a sua extraordinária autonomia em relação ao caso parisiense. E curiosamente há uma surpreendente coincidência no processo de gestação e síntese entre ambos.

Sendo verdade que o Surrealismo redutoramente dito francês resulta de uma feliz combinação do Simbolismo (donde provém Breton) com o Dadaísmo, após a chegada do grupo do Cabaret Voltaire a Paris, não é menos verdadeiro que entre nós a junção dos antecedentes é semelhante e autónoma.

As influências de Gomes Leal, Pessanha, Cesário e sobretudo de Pascoaes aceites, entre outros, como os prolegómenos surrealistas, juntar-se-à à iconoclastia, a "Revolução Mental", da Geração de Orpheu.(...)

Parece-nos que o grupo de jovens que no Café Hermínius se dedicava a práticas dadaístas, mesmo ignorando a existência deste agrupamento, escapa pela qualidade e liberdade próprias aos esforços catalogadores de uma crítica doméstica que os pretende, há anos, colocar na posição de sucedâneos requentados do Grupo Surrealista Francês.

Assinale-se que os diferentes contactos pessoais havidos com Breton nunca resultariam em colaborações produtivas. Contudo, souberam colher, e bem, da praxis global e da melhor heterodoxia do Movimento Surrealista Mundial, abrindo o nosso bafiento meio o que de mais inovador acontecia culturalmente no pós-guerra.(...)

Não deixa porém de se estranho que o movimento Surrealista português tenha vindo a merecer maior atenção no estrangeiro que "intra-muros". De facto, a primeira antologia de poesia surrealista portuguesa surgiu em Itália organizada por António Tabucchi (*La Parola Interdetta* Einaudi, Torino, 1975) e nesse mesmo país avança-se com a tentativa de enquadrar histórica e criticamente o movimento com o número 3 dos *Quaderni Portoghesi* (Pisa, 1978). Outras aproximações críticas aos movimento português são feitas (...), na Holanda, (...), nos Estados Unidos ou em Paris com a revista *Phases*. (...) Em Portugal, o Surrealismo continua a ser olhado obliquamente seja por causa de um persistente ou ressurgente neo-realismo ou pela dominante, indestrutível e magistral seriedade universitária que afecta a nossa cultura.(...)

O Surrealismo surgiu no anterior e opressivo contexto já atrás explicado, mas abriu-se como uma labareda difícil de extinguir, rebelde como um gato a quem a noite fez mais "aluminantes" os olhos.

"Ora o Surrealismo é, provavelmente, a única grande vanguarda histórica que em Portugal tinha encontrado a capacidade de coagular-se em movimento "diz António Tabucchi, realçando a sua posição de "Frente Cultural" a dar batalha única num Portugal salazarista em que se oprimia "a cultura, a arte e o homem".

Terá sido, quanto a nós Eduardo Lourenço a perspectivar mais correctamente a aventura Surrealista. Ficam aqui as suas palavras para conclusão: "O Surrealismo, com os caracteres bem próprios que foram os seus entre nós, redimensionava a imagem de uma relação com a realidade portuguesa segundo os cânones, modelos, inspirações que procediam de uma das mais radicais metamorfoses da cultura do século XX[...].

"Ideologicamente, o Surrealismo batia-se sobre duas frentes: uma, a do conformismo secular reformulado pelo fascismo em terras de pesadelo azul, quer dizer, contra a ordem moral de salazarístico perfil; outra, a do conformismo marxista não só ideológico como cultural, totalmente alheio às potencialidades subversivas da linguagem em "prise" directa com as pulsões do inconsciente ... [...] A sensibilidade que nas atitudes e gestos surrealistas se incarnou trouxe à superfície um Portugal-outro, anômalo, eficaz justamente até por não propor desta vez "reforma ideológica ou ética" de nacional recorte ou aplicação mas apenas por tornar inactual, arcaico, fóssil um mundo de formas que era a forma mesma do interior viver nacional.

Manuel Hermínio Monteiro
(Do "Cadáver-Esquisito" ao gato resplendente andando pela noite, in *A Phala, Um Século de Poesia 1888-1988*)

"O Surrealismo está ao alcance de todos os inconscientes"

(...) o Surrealismo, (...) procura um país futuro, um PROJECTO POLÍTICO DE VIDA POÉTICA, esboçando as portas de acesso a uma CIDADANIA que lhe é continuamente recusada, de 1924 à actualidade.

(...) É a revolução surrealista. Não só propósitos: actos. (...)

O poder da paixão, da imaginação, do desejo aniquilador dos universos de categorias e perseguindo não "a igualdade dos contrários" mas a sua fusão fecundadora, (...) são o próprio exercício da fala surrealista, nunca erguida "contra a realidade" mas contra "o pouco de realidade" (...).

Motor não de uma liberdade abstracta, relegada para as calendas da liberdade, mas da maior, mais impossível, mais enriquecedora liberdade da vida, e tendo essa mais-liberdade do-que-a-liberdade como condição mínima essencial para a transformação do mundo; adoptando, mas não de mais, o materialismo dialéctico (nenhum excesso de aval ao materialismo histórico, como, de resto, a nenhum sistema de petrificação do homem sob o peso da história), o surrealismo é o primeiro falanstério poético "organizado" a aderir veementemente, "com os meios que são propriamente os seus", e fora da União Soviética, à Revolução de Outubro (leia-se revolução mundial), tal como é o primeiro a denunciar e a nunca mais deixar de denunciar o estrago irremediável trazido por Stalin à revolução. (...)

Adenda: contrariamente ao neo-realismo, que era e é uma literatura de função e fundamento político, onde a função pode exibir-se fraca variável sem risco sério (julga-se) do seu fundamento, o surrealismo era e é uma revolução (os fundamentos dela) que não delega em literatura alguma a sua prova de expansão.

Tal como o neo-realismo pôde e naturalmente deveu ter revistas e jornais de periodicidade regulada, nenhum jornal ou revista surrealista periódica ou esporádica foi possível sob o fascismo.

Mário Cesanny

(prefácio aos "Textos de Afirmção e Combate do Movimento Surrealista Mundial" P&R, Lisboa, 1977)



Catálogo autografado pelos Surrealistas na I Exposição

O SURREALISMO É UMA REVOLUÇÃO

(...) É extremamente difícil apresentar uma imagem verdadeira do surrealismo, respeitar toda a extensão das suas disputas, manter livres os seus limites "não fronteiras", restituir este movimento em todo o esplendor dos seus desvarios, das suas contradições, em toda a espessura dos seus questionamentos, artísticos, sociais e políticos.

É extremamente difícil não perder pelo caminho o pólo que magnetiza a bússola, não restringir o campo da palavra ou do gesto, manter aberta de par em par a porta do maravilhoso...

Se a chama só puder ser transmitida tal como é - ofuscante e efêmera, movente e incerta - que restará? No contexto museológico ou universitário da categoria designada "história da arte", como pode o surrealismo dizer-se, sendo ele ao mesmo tempo movimento "artístico", momento de história política e aventura empolgadamente humana? Sendo as coisas o que são, aquilo que obviamente há-de triunfar será o olhar formal e estético, em detrimento dos dois outros. O político vê-se evacuado como não pertinente relativamente às formas. Ora fazer assim desaparecer todos os vestígios das posições políticas do surrealismo é o mesmo que impor um contra-senso absoluto sobre as obras que ele suscitou. (...)

Silenciar a acção é descarnar o sonho e a revolta, torná-los inoperantes. Ou meramente recreativos: "Aqueles que dentre os poetas e artistas modernos (...) aspiram muito conscientemente a agir no sentido de um mundo novo, de um mundo melhor, têm forçosamente de ir contra a corrente que os leva a passar por simples recreativos com quem a burguesia sempre poderá agir com toda a desenvoltura (tentaram fazer de Baudelaire e Rimbaud poetas católicos mortos)", escrevia Breton em Posição Política do Surrealismo.

Ao entrar na história, o surrealismo perdeu aos olhos dos seus críticos o seu grande manto negro de revolta e humor, o seu eterno furor adolescente, o seu imperioso desejo de transformar o mundo. (...)

Silenciando a vocação revolucionária do movimento, nada dizendo dos empenhamentos políticos dos pintores e poetas que o fizeram viver, museus, colecionadores, críticos e historiadores reduzem-no brutalmente aos trilhos balizados de um mero movimento artístico cuja única actividade terá consistido em produzir obras. As quais, desse jeito, poderão ser valorizadas, graças aos soberbos suportes publicitários e promocionais em que se transformaram exposições e catálogos - beleza turva raridade prometedora, rara beleza, turvo prometedor. As obras mais grosseiramente espectaculares e as imagens mais simplistas terão então direito à mais alta visibilidade e à maior cotação. (...) Assatimos portanto a um género de empobrecimento. (...) Do surrealismo já só sabem mostrar (e já só se sabe ver?) vestígios, relíquias, como se o impulso se tivesse interrompido, como se decididamente, as palavras "sonho" e "liberdade" fossem vocábulos duma língua morta, como se "querer transformar a vida" fosse coisa duma utopia antiquíssima. Adoptam-se distâncias. (...) Este recuo que mais parece um enterro, é inquietante. Porque, longe de ser uma simples e por vezes necessária distância crítica, na realidade ele tem tudo duma denegação. O empenhamento político ora é silenciado (...).

ora é totalmente reinterpretado e falsificado (...) E quer se trate de a ocultar ou de a deformar, a relação entre a violência revolucionária e o furor poético fica assim deturpada. Esvaziar as obras da revolta que as viu nascer ou esvaziar a revolta das obras que a sustêm, corresponde, em qualquer dos casos, a negar que se possa ter sobre o mundo tal como ele evolui um dever de rejeição ou de projecção: esse mesmíssimo dever que Breton atribua à obra de arte: "A obra de arte só é válida na medida em que nela perpassem os trementes reflexos do futuro".

A herança do surrealismo, caso deva haver alguma herança, situa-se precisamente neste dever de recusa, numa atenção particular perante o mundo, na moral da acção e do sonho-reconciliados, e não, trivialmente, numa empresa mais ou menos organizada e rentável de produção de obras de toda a espécie: poemas "para gritar nas ruínas", quadros giratórios, esculturas moles, objectos desagradáveis, etc. que se inscrevem numa pseudogenealogia tão apreciada pelos historiadores de arte e pelos museus.

Será esta posição eminentemente moral que incomoda? Como transmitir isso? Será possível? É provável que o não seja. A poesia não se ensina pelo menos sem graves prejuízos (...). A linha de horizonte aproxima-se: o nosso tempo doravante contado, a nossa identidade selada, o nosso imaginário e a nossa sexualidade restringidos: quando essa linha, pelo contrário, devia recuar, para que por fim a noite do sonho vencesse o dia.

O maravilhoso não se aprende, reclamando, para desabrochar, uma liberdade e um furor incessantemente renovados. Se agora as palavras "revolução" e "luta de classes" se tornaram quase obscenas ditas e escritas, para que estranhos ecos remetem no entanto as palavras de Breton publicadas em 1925 no nº4 da *révolution Surréaliste*? "Nunca serão demasiadas todas as nossas mãos agarradas a uma corda de fogo ao longo da montanha negra. (...) Que fique todavia bem claro que não queremos tomar nenhuma parte activa no atentado que os homens perpetuam contra o homem. Que não temos nenhum preconceito óvico. Que no estudo actual da sociedade na Europa continuamos a aderir ao princípio de toda a acção revolucionária, ainda que esta adopte como ponto de partida uma luta de classes, contanto que vá bastante longe

Vincent Gille (publicado em "Le Monde Diplomatique", edição portuguesa, nº 74, Maio de 2005).

* Vincent Gille é o responsável do Pavillon des Arts, de Paris. Comissariou as exposições "Le surréalisme et l'amour" (1997) e "Trajectoires du rêve" (2003). Autor de "Anthologie amoureuse du surréalisme", Syllepse, Paris, 2001.

FICHA TÉCNICA

Interpretação	Victor Santos
Seleção de textos	José Carlos Faria e Victor Santos
Direção cénica	Fernando Mora Ramos
Implantação cenográfica	José Carlos Faria
Banda sonora	Carlos Alberto Augusto
Direção técnica	António Plácido
Aderecista e objectos cénicos	António Canelas
Produção	Aria Pereira
Assistente de produção	Natália Ferreira
Operação de luz e som	António Anunção
Carpinteiro	Marco Albano
Fotografia	Paulo Nuno Silva
Imagem	Kaputz
Agradecimentos:	Centro Hospitalar de Caldas da Rainha, Caci-Sport, Obigraf, Francisco Carrilho, José Carlos Sanches, Luísa Ramalho, Margarida Araújo, Ramiro Pedro, Octávio Teixeira

LENORE



Teatro da Rainha



MIC
Ministério
da Cultura

10 Instituto das Artes



CALDAS DA RAINHA
MUNICÍPIO